



DUELO DE TITÃS

Renata de Mello Modesto

Universidade Federal de Goiás
renatatacoruja@hotmail.com

VOLTAIRE. *Cândido*. Introdução de Riccardo Campim. Tradução de Annie Cambé. Rio de Janeiro: Newton Compton Brasil, 2000.

A história da filosofia nos proporciona momentos raros de profundo deleite, quando saboreamos o confronto de idéias que se eternizam no seio de uma época marcada pelo paradoxo. Um desses raros momentos encontramos na obra *Cândido*, de Voltaire, no qual se expõem com maestria os refinados dardos irônicos de um espírito indignado. Debruçado com olhos atentos sobre um mundo caótico e irracional, que só poderia ser expresso pelo seu gênio em forma de riso, Voltaire transmuta razão em humor, ao se deparar com o “otimismo” do sistema metafísico da harmonia preestabelecida de Leibniz.

Mundo caótico e irracional? “Otimismo” metafísico da harmonia preestabelecida? Eis o duelo que aqui se pretende apontar: de um lado, “o que a harmonia universal tem de admirável”, posto que de modo intuitivo une “a idéia do infinito à unidade, intervindo o princípio de variedade ou da existência completa”,¹ nas concepções de mônada dominante, ou átomos metafísicos, e as mônadas do corpo, ou forças; por outro lado, o vislumbre de um fatalismo que “destinado a desestimular qualquer atividade humana em nome da providencial imutabilidade do existente” é tido como um “ultraje ao bom senso e à razão”, posto que revela as misérias e horrores do mundo com “a absurda fúria de negá-los”.²

Leibniz e Voltaire compartilham do efervescente século XVIII. Todavia, o primeiro falece em 1716, enquanto o segundo permite a veiculação da pequena obra filosófico-literária em 1759 na Europa. Contudo, ambos, de forma antagônica, abordam o tema do mal no mundo imbuídos de perspectivas filosóficas e *d'esprit* opostos: o primeiro prescreve e descreve o mundo a partir da harmonia preestabelecida por Deus, que cria, dentre as infinitas possibilidades, o melhor dos mundos possíveis, explicando os eventos do mundo como a relação harmônica e inteligível entre a realidade ontológica e a realidade fenomênica. A obra *Cândido* busca ridicularizar justamente esse sistema filosófico coeso na figura patética de Pangloss, defensor ortodoxo de tal sistema, mestre de Cândido, que diante de diversas e repetidas catástrofes proclama as idéias de Leibniz, tornando-as cômicas e ridículas.

Leibniz não ignorava, segundo MacDonald Ross, as objeções feitas ao seu sistema, tanto que escreve a obra *Teodicéia*, a “única obra filosófica completa que publicou”.³ Nesta, o filósofo busca solucionar o problema do mal no mundo que seria incompatível com a onipotente bondade e perfeição de Deus. A solução do filósofo alemão dividir-se-ia em duas partes: a primeira é “admitir que o universo é de fato imperfeito”, mas que “tal imperfeição é logicamente necessária”, posto que permite a distinção de Deus, “o único ser perfeito”;⁴ a segunda saída seria a de que, apesar de o mundo não ser perfeito, era o melhor possível, “era tão perfeito quanto podia ser sem voltar ao próprio Deus”.⁵ Os argumentos concentram-se, então, em uma limitação lógica, ou seja,

não que o mundo não seja melhor sem se tornar Deus, mas ele não podia ser melhor sem se tornar pior. Isto é, a eliminação do que poderia parecer um defeito de uma dada perspectiva constituiria um mal maior de outros pontos de vista.⁶

Não nos esqueçamos de que, para o filósofo, a ordem criada, ou seja, o próprio mundo, deve-se submeter às regras não criadas da ordem, ou seja, à própria lógica.⁷

Mas afinal, o que é este mundo leibniziano, esta realidade fenomênica, dependente da realidade ontológica pré-harmonizada por Deus, que tanto indignou Voltaire? Segundo Belaval, o mundo fenomênico ou a natureza

é uma harmonia de substâncias inextensas, de almas ativas, perceptivas, e por conseqüência de formas e essências, que liga a causalidade ideal e que se hierarquizam na finalidade de um todo orgânico.⁸

Para um físico mecanicista, a natureza será somente o conjunto dos fenômenos, ou seja, as aparências e os movimentos que podem ser observados e que também os fundamenta. Ora, para Leibniz, a realidade dos fenômenos depende da realidade ontológica no qual aquela é expressão desta. No estudo do movimento na natureza, o filósofo recorre a um princípio arquitetônico, ou seja, o princípio de continuidade, cuja relevância é decisiva no tocante à hierarquização das mônadas ou enteléquias. Posto isto, redefinamos a concepção de natureza. Segundo Belaval: “a natureza, expressão de um todo hierarquizado de substâncias inextensas, [...], é o conjunto arquitetônico dos fenômenos do movimento em processo visível ou infinitesimal”.⁹ Dito de outra forma, a natureza é a criação calculada por Deus – dentre todas as possibilidades possíveis a melhor –, que, mantendo os princípios, deixa-a agir segundo a espontaneidade regrada por Ele e dota-a de todas as substâncias. De acordo com Riccardo Campim, na introdução de *Cândido*, um terremoto ocorrido em 1755, em Lisboa, em que se vitimaram milhares de pessoas, foi o motivo que fez com que Voltaire atacasse tal sistema coeso, não através de uma contenda escolástica, mas sim por meio de uma comicidade rara, buscando expressar um tema nada divertido: o mal no mundo.

Segundo Brunner, para Leibniz, “o trabalho do filósofo é [...] conhecer o ‘meio inteligível’ do qual Deus se serviu para produzir tal ou tal efeito”.¹⁰ Ao abrir a obra de Voltaire nos deparamos com três figuras-chave: Pangloss, Cândido e Cunegundes. O ofício filo-

sófico é já ridicularizado na informação de que Pangloss ensinava aos dois “metafísico-teólogo-cosmolonigologia”, afirmando a seguir que

provava de modo admirável que não há efeito sem causa e que, neste mundo, o melhor dos mundos possíveis, o castelo de sua alteza o barão era o mais belo dos castelos e a senhora baronesa a melhor das baronesas possíveis.¹¹

Tudo se apresenta na mais perfeita ordem até que Cândido é expulso do castelo. Narra então sua viagem pelo mundo, bem como todas as desgraças após ser “expulso do paraíso terrestre”. Uma das primeiras aventuras vividas por Cândido é o embate entre o exército búlgaro contra o ábaro. Cândido, um jovem ingênuo e “metafísico”, presencia

os canhões que derrubaram logo uns seis mil homens de cada lado; em seguida a mosquetaria retirou do melhor dos mundos possíveis nove a dez mil patifes que lhe infestavam a superfície. A baioneta foi a razão suficiente da morte de alguns milhares de homens.¹²

Cândido, “que tremia feito filósofo”, retira-se do campo de batalha para “raciocinar acerca dos efeitos e das causas”.

A ironia voltairiana, ao retratar as mazelas e o elemento trágico da vida humana e do mundo, é oposta ao cinismo, visto que sua indignação transforma-se em reflexão serena. O desespero niilista do qual ele escapa é talvez retratado na boca de alguns personagens, posto que em toda obra *Cândido* viverá e presenciará tais mazelas humanas, como no caso da velha serviçal de Cunegundes, que desabafa após ter narrado sua história:

[...] cem vezes quis matar-me, mas ainda gostava da vida. Essa fraqueza ridícula talvez seja uma de nossas inclinações mais funestas: pois será que há algo mais tolo que querer carregar sem trégua um fardo que sempre poderíamos jogar no chão? Sentir horror pelo seu ser e estar apegada a esse mesmo ser?¹³

Tal tempero pessimista pode também ser observado em um diálogo de Cândido com seu novo filósofo, Martim, um maniqueísta convicto:

O senhor acha, disse Cândido, que os homens sempre se massacraram como o fazem hoje? Que sempre foram mentirosos, velhacos, pérfidos, bandidos, fracos, volúveis, covardes, invejosos, gulosos, beberrões, avarentos, ambiciosos, sanguinários, caluniadores, depravados, fanáticos, hipócritas e tolos? – O senhor acredita, disse Martim, que os gaviões sempre comeram pombos quando encontraram? – Sem dúvida, disse Cândido. – Pois é, disse Martim, se os gaviões sempre tiveram o mesmo caráter, porque quer que os homens tenham mudado o deles?¹⁴

Contudo, o ataque ao sistema leibniziano, que busca destruir “qualquer mundo transcendente, sede de valores eternos e eternas recompensas”¹⁵ não visa ao auto-abandono, ao niilismo ou mesmo à compaixão. Seu intuito parece ser não a proposta de um novo sistema, mas sim um novo modo de viver, uma sabedoria leiga e prática que busque conciliar as aspirações de felicidade e a impossibilidade de conquistá-la, a superação do trágico-patético, bem como o que Voltaire denominava “quimeras metafísicas”, para conseguir justificar a própria existência, ou o que a velha chamou de “fraqueza ridícula”. Nesse sentido, Voltaire termina a obra não mais atacando a harmonia preestabelecida, mas coloca na boca de Cândido sua proposta:

Todos os acontecimentos estão encadeados no melhor dos mundos possíveis; pois afinal, se não tivesse sido expulso de um lindo castelo com uma saraivada de pontapés no traseiro por amor da senhorita Cunegundes, se não tivesse sido perseguido pela Inquisição, se não tivesse perdido todos os carneiros do bom país de Eldorado, não estaria aqui comendo cidras cristalizadas e pistaches. – Isto está certo, disse Cândido, mas devemos cultivar nosso jardim.¹⁶

Para Cândido ou Voltaire, não há mais o que discorrer, o que importa agora são os fatos, resta-nos cuidar de nosso jardim. Essa breve exposição permite-nos abster de uma tomada de posição. Antes, ela tenta mostrar o confronto de idéias entre grandes espíritos, um duelo de titãs.

Notas

1. BRUNNER, Fernand. *Études sur la signification historique de Leibniz*, 1950. p. 142.
2. VOLTAIRE. *Cândido*, 2000. p. 13.
3. ROSS, Macdonald. *Leibniz*. p. 114-115.
4. Idem, *ibidem*.
5. Idem, *ibidem*.
6. Idem, *ibidem*.
7. BELAVAL, Yvon. *Leibniz critique de Descartes*, 1965.
8. Idem, p. 456.
9. BELAVAL, Yvon. *Leibniz critique de Descartes*.
10. BRUNNER, Fernand. *Études sur la signification historique de la Philosophie de Leibniz*, 1950. p. 154.
11. VOLTAIRE. *Cândido*, 1996. p. 25.
12. Idem, p. 28.
13. Idem, p. 46.
14. Idem, p. 68.
15. Idem, p. 15.
16. Idem, p. 94.

Referências

VOLTAIRE. *Cândido*. Introdução de Riccardo Campim. Tradução de Annie Cambé. Rio de Janeiro: Newton Compton Brasil, 2000.

BELAVAL, Yvon. *Leibniz critique de Descartes*. Paris: Gallimard, 1965.

BRUNNER, Fernand. *Études sur la signification historique de la philosophie de Leibniz*. Paris: Librairie Philosophique, 1950.

ROSS, MacDonald. *Leibniz*. São Paulo: Loyola.